

Diálogo com o texto “Autobiografia dançada – estratégias de acesso no processo de criação”, de Eduardo Augusto Rosa Santana

Christine Greiner (PUC-SP)
GT Dança e Novas Tecnologias
Palavras-Chaves:

O objetivo do texto de Eduardo Santana é discutir a autobiografia na dança, partindo de um exemplo prático: o processo de criação da obra “Máquina de Desgastar Gente”, dirigido por Luis de Abreu em 2006; e a discussão teórica do corpomídia (Katz e Greiner) e da mente encarnada (Lakoff e Johnson, entre outros). Santana elegeu ainda, particularmente, os estudos do neurocientista Antonio Damásio e suas reflexões acerca do “self autobiográfico”.

O texto está recheado de informações pertinentes e bem formuladas como, por exemplo, as noções de que corpo e ambiente co-evoluem em trocas constantes, o reconhecimento de que autobiografia pode ser compartilhada e, ao contrário do senso comum, não é uma instância absolutamente pessoal, a convicção de que não existe um “fora” separado de um “dentro” do corpo, a observação de que há nuances de diferenças que as semelhanças produzem e estas não podem ser confundidas com igualdades, mesmo quando se fala em um discurso coreográfico realizado em grupo e assim por diante.

No entanto, a questão que faltou demonstrar de maneira mais incisiva é justamente o que o autor sugere como a sua questão principal: que reflexões emergem a partir de estratégias processuais de composição de uma dramaturgia autobiográfica em dança?

Evidentemente, não é possível responder esta questão de maneira geral, mas como foi sugerido um estudo de caso (a obra de Luis de Abreu) esta teria sido uma boa oportunidade para testar as hipóteses levantadas durante o texto a partir de uma análise da coreografia ou do processo de criação. No entanto, a descrição dos procedimentos e dos modos como a autobiografia aparece na experiência de Abreu com os dançarinos acabou por se restringir às propostas do próprio coreógrafo, sem a análise prometida nas primeiras linhas do texto, ou seja, aquelas que poderiam cruzar diferentes níveis de descrição da experiência. É evidente que não se trata de “explicar” biológica ou neurologicamente o que acontece no corpo dos dançarinos durante a criação, mas sim, da elaboração de novas questões e, finalmente, da demonstração de quais são as reflexões que emergem das estratégias de composição de uma dramaturgia autobiográfica que não entende autobiografia apenas como uma história pessoal, ou coletiva, já organizada previamente como discurso: os contextos sócio-históricos da escravidão na cultura brasileira, a história oral dos avós ou a situação dos negros no Brasil.

Como eu não assisti o trabalho, nem participei do processo, fiquei com uma série de dúvidas que não foram esclarecidas. Por exemplo:

- 1- De que maneira os movimentos testados pelos dançarinos organizaram as informações estudadas nos textos e lembradas através das histórias pessoais? Eles continuaram fazendo movimentos que já conheciam (passos de dança)? Ou de alguma maneira o processo deu ignição a percursos motores e cognitivos ainda não testados? Como analisar estes processos?
- 2- Damásio explica que a consciência é um fenômeno inteiramente privado, de primeira pessoa, que denominamos mente. Tanto a sabedoria como a ciência da mente e do comportamento humano baseiam-se nessa incontestável correlação entre o privado e o público. Isso diz respeito também à emergência do self autobiográfico que estaria atado à idéia de identidade, a um conjunto não transitório de fatos e modos de ser únicos que caracterizam uma pessoa. O que diferencia esta abordagem de tantas outras é que este self autobiográfico nasce do self central que seria uma entidade transitória recriada para cada

objeto com o qual o cérebro interage. Como o movimento de dança apresenta traços desta relação na experiência proposta por Abreu?

- 3- De que modo o estudo do corpomídia e da obra de Damásio colaboraram, ao final das contas, para analisar a experiência de Abreu?

Concluindo, não me parece claro até que ponto surgiram novas reflexões acerca desta experiência específica ou se foi apenas construído um novo discurso para girar em torno das mesmas questões.

Este é um desafio para todos nós que estamos investigando novos modos de falar de dança e do corpo que dança. Gostaria de ler um desenvolvimento deste artigo com demonstrações que criassem um vínculo claro entre a discussão teórica e a prática de modo que alguém como eu, que não participou ou assistiu o trabalho, pudesse entender a singularidade da experiência e em que sentido a mudança de entendimento acerca da autobiografia, da memória e da relação entre corpo e cultura, sujeito e coletividade, pode ser organizada e repensada através de movimentos de dança.

Referências Bibliográficas

Damásio, Antonio *O Mistério da Consciência*, trad. Laura Teixeira Motta, Companhia das Letras, São Paulo, 1999, 2000.

Greiner Christine *O Corpo, pistas para estudos indisciplinados*. Annablume, São Paulo, 2005, 2006.